



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 14 | Nº. 26 | Jan./Jun. de 2022

Ana Amélia Rodrigues de Oliveira

Instituto Federal do Ceará *campus* Maranguape / IFCE.

amelia.oliveira@ifce.edu.br

O YOUTUBE NO ENSINO DE HISTÓRIA: reflexões sobre uma experiência de pesquisa.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar aos professores de História do Ensino Médio algumas possibilidades de uso de canais do *Youtube* como fonte em sala de aula para a aprendizagem histórica dos alunos.

Palavras-chave: Ensino de História. Tecnologias digitais. Aprendizagem Histórica.

YOUTUBE IN HISTORY TEACHING: reflections on a research experience.

ABSTRACT

This article aims to present to High School History teachers some possibilities of using Youtube channels as a source in the classroom for the historical learning of students.

Keywords: History Teaching. Digital technologies. Historical Learning.

Introdução¹

Gostaria de iniciar esse texto fazendo uma espécie de justificativa para os possíveis limites teóricos e/ou metodológicos que o leitor possa encontrar ao longo da leitura. Acho importante fazer tal ressalva para que se compreenda até que ponto era possível ir. Na minha trajetória de pesquisa na pós-graduação nem o Ensino de História, muito menos as tecnologias digitais foram meus objetos de pesquisa. No mestrado e doutorado fiz discussões que orbitaram temas como patrimônio cultural, políticas culturais, museus, folclore e cultura popular. Portanto, este trabalho resume um pouco do que foi a minha primeira experiência de pesquisa tendo as tecnologias digitais como objeto de estudo.

O interesse pelo campo do Ensino de História veio com o retorno à sala de aula após concluir o doutorado. E esse interesse se deu muito mais por uma questão de ordem prática do que pelo interesse de pesquisa. Voltar a dar aula depois de quatro anos afastada despertou em mim questionamentos que tinham forte relação com a minha prática docente e com a aprendizagem histórica. Assim, passei a integrar o grupo de pesquisadores do Laboratório de Ensino de História e o Grupo de Pesquisas em Ensino de História da Universidade Federal do Ceará, ambos coordenados pela professora Ana Carla Sabino Fernandes.

Somente em 2020, já como professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Ceará, interessei-me em pesquisar a relação entre o Ensino de História e as tecnologias digitais, interesse que surgiu a partir de duas preocupações: a percepção de que os meus alunos utilizavam, cada vez mais, a internet para a realização de suas pesquisas escolares; e a constatação da divulgação/produção em sites, blog's e redes sociais de um tipo de conhecimento histórico questionável.

“Nazismo é de esquerda” e “não houve ditadura no Brasil” são algumas das assertivas que temos visto ultimamente, principalmente nas redes sociais. Canais no *Youtube*, páginas no *Facebook* têm sido criadas por professores de História com o intuito de divulgar o conhecimento histórico, mas por outras pessoas e grupos que falseiam o passado a fim de atender interesses ideológicos do presente.

Como alguns estudantes não têm o conhecimento sobre as formas de produção do conhecimento histórico, eles podem ser levados a acreditar em argumentos e ideias

¹ O texto é um desdobramento do projeto “O *Youtube* no Ensino de História. Limites e possibilidades das tecnologias digitais na educação”, financiado por meio do edital Pibic Jr e desenvolvido de 2020 a 2021 no Instituto Federal do Ceará, *campus* Maranguape.

sem base factual veiculadas pelas mídias digitais. Por isso, é preciso alertar os alunos de que, apesar do potencial didático que essas tecnologias podem ter, nem todo tipo de conhecimento disponível na internet é confiável.

A análise que o historiador Jurandir Malerba (2014) faz no artigo “Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?” vai no sentido do que afirmei anteriormente, já que trata do embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil. Malerba ressalta a importância do aumento da demanda da sociedade por história, mas ao mesmo tempo chama a atenção para o seu temor diante do fato de que muitas produções (livros, programas de TV, revistas) têm como principal fim o lucro e a audiência, e muitas vezes são realizadas por pessoas que não têm a expertise científica.

Conforme já observaram alguns autores importantes como Roy Rosenzweig, o lado bom da coisa é que existe uma demanda social enorme por história, ou seja, a história está “bombando”. Mas há também o lado sombrio desse fenômeno, que é justamente o da qualidade dessa história feita por pessoas sem treinamento profissional. Um dos maiores especialistas na área, Roy Rosenzweig, é muito crítico. Essa história produzida por leigos costuma ser muito ruim. A história social, processual, interpretativa, estrutural, analítica, crítica, não chega ao grande público, e sim a história paroquial, episódica, factual, pitoresca, anedótica, biográfica, das grandes batalhas, em rápidas narrativas dramática inflamadas. Para Rosenzweig, a história é importante para o público. O problema é que essa história popular é de qualidade questionável (MALERBA, 2014, p. 32).

Um exemplo bem recente de produções como essa é o livro “Guia politicamente incorreto da História do Brasil”, publicado em 2009 pelo jornalista Leandro Narloch, que se propõe a fazer uma “releitura controversa” da história do país, mas na verdade produz um material bastante conservador do ponto de vista histórico, difundindo muita desinformação e preconceitos sobre determinados grupos. Em relação a negros e indígenas, por exemplo, Narloch reproduz uma interpretação que se aproxima da produção histórica oitocentista, de que a construção do Brasil foi obra dos europeus, nesse caso dos portugueses, que estariam na ponta do processo civilizatório mundial, e que ela aconteceu apesar da presença de negros e indígenas.

A fim de dar validade científica a sua escrita, Leandro Narloch faz referência a alguns historiadores respeitados no meio acadêmico, como Maria Regina Celestino de Almeida, mas o faz sem respeitar as reflexões da autora, mas adaptando as suas falas de acordo com o que lhe é conveniente. O resultado é uma publicação que faz afirmações sem ter como base nenhuma fonte de pesquisa e/ou distorce informações de

trabalhos científicos de historiadores respeitáveis a fim de confirmar as suas hipóteses (MALERBA, 2014, p. 38).

Sobre o livro, Jurandir Malerba (2014, p. 38) afirma:

Do ponto de vista da produção da escrita histórica, o texto se apoia na historiografia disponível, ora para corroborar seus argumentos, ora para detratá-la quando dela discorda. Sob a bandeira do “politicamente correto”, mal se disfarça uma visão altamente conservadora, quando não reacionária, retrógrada, eurocêntrica e preconceituosa da/sobre a história do Brasil.

Apesar de não se dedicar às tecnologias digitais neste texto, as análises de Jurandir Malerba (2014) podem ser utilizadas para pensar também *blog's*, *sites*, canais no *youtube*, perfis em redes sociais que têm ajudado a difundir o conhecimento histórico. Mas a questão a se fazer é: qual é a qualidade desse conhecimento histórico que vem sendo difundido?

Não se trata de tomar uma posição dicotômica em relação ao assunto, tratando as tecnologias digitais ou como vilãs ou como “salvadoras da pátria”, que resolverão o problema da falta de interesse dos nossos alunos pela História. Muito menos de dizer que só historiadores profissionais produzem bom conteúdo. Estas seriam formas muito limitadas de tratar da questão. O que nós entendemos é que o uso dessas tecnologias com fins escolares é um fato, e que precisamos, na medida do possível, torná-las aliadas no processo de ensino e aprendizagem em História.

A historiadora Marcella Albaine Farias da Costa há alguns anos vem se dedicando a pesquisar a relação entre Ensino de História e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's). Com vasta produção sobre o assunto, Costa (2015) tem defendido que esta discussão precisa ser inserida nos currículos acadêmicos de formação, bem como nas escolas, onde ainda há ou uma aversão ou um desinteresse por parte dos professores ao tratar do assunto. Para ela, é preciso buscar um caminho para o uso da tecnologia na sala de aula, e esse caminho nem é o da nostalgia com os métodos mais “tradicionais”, que vê a tecnologia como inimiga; e nem o do entusiasmo ingênuo, que a coloca como a solução dos problemas. Sobre isso, a autora afirma:

Não compreendo que uma aula de História, para ser boa e atrativa, deva, necessariamente, fazer uso da tecnologia, até porque há muitas limitações nesse processo que não podem ser desconsideradas (em termos materiais, pedagógicos e formativos). Todavia, tenho procurado discutir sua potencialidade no processo do fazer e do ensinar História, e questionado se ela, além de recurso pedagógico auxiliar, pode mudar a relação com a epistemologia histórica. Será que já paramos para pensar nas implicações disso em nosso ofício diário? (COSTA, 2015, p. 249).

Não podemos negar que o uso escolar da Internet pelos estudantes é uma realidade com a qual nós professores precisamos aprender a lidar. As tabelas a seguir mostram o quão relevantes são os percentuais de alunos que fazem uso dela para complementar os seus estudos. O Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), instituição responsável por monitorar a adoção das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil, realiza anualmente, desde 2010, o TIC Educação, uma pesquisa junto à comunidade escolar com o objetivo de mapear o acesso, o uso e a apropriação das TIC's em escolas públicas e privadas de áreas urbanas. Os dados apresentados a seguir são do ano de 2019.²

Tabela 1 – Alunos por uso da internet para pesquisas escolares.

ALUNOS POR USO DA INTERNET PARA PESQUISAS ESCOLARES		
ETAPA DO ENSINO	SIM	NÃO
Pública Municipal	78%	22%
Pública Estadual	88%	12%
Particular	90%	10%

Fonte: TIC Educação 2019. Disponível em: <https://www.cetic.br/pt/tics/educacao/2019/escolas-urbanas-alunos/E1A/>. Acesso Em: 06 abr. 2022.

Tabela 2 – Alunos que pesquisam na internet os assuntos discutidos pelos professores nas aulas.

ALUNOS QUE PESQUISAM NA INTERNET OS ASSUNTOS DISCUTIDOS PELOS PROFESSORES NAS AULAS		
ETAPA DO ENSINO	SIM	NÃO
Pública Municipal	69%	31%
Pública Estadual	80%	20%
Particular	79%	21%

Fonte: TIC Educação 2019. Disponível em: <https://www.cetic.br/pt/tics/educacao/2019/escolas-urbanas-alunos/E1A/>. Acesso Em: 06 abr. 2022.

Os dados das tabelas mostram que mesmo com possíveis diferenças socioeconômicas entre os alunos de escolas públicas e particulares as porcentagens que indicam o uso da Internet com fins escolares são muito aproximadas. É claro que

² No momento em que escrevemos este texto, a pesquisa referente ao ano de 2021 ainda não foi divulgada, e a de 2020 usou diferentes indicativos para o levantamento dos dados, retirando a pesquisa por alunos. Por isso, optamos por continuar trabalhando com os dados de 2019.

uma série de questionamentos podem ser feitos em cima desses números, como o da qualidade da rede utilizada, os locais de acesso, os dispositivos utilizados, mas acho que o que se coloca aqui já é uma forte evidência de como os estudantes têm buscado na rede mundial de computadores informações que complementem os seus estudos.

Tomando como ponto de partida essas reflexões, o presente artigo tem como objetivo apresentar aos professores de História do Ensino Médio como canais do *Youtube* podem ser utilizados como fonte em sala de aula para a aprendizagem histórica dos alunos.

Segundo os historiadores Sônia Meneses e Egberto Melo, qualquer reflexão do tempo presente que pretenda pensar sobre processos de leitura, apropriação e produção do conhecimento tem que considerar o universo virtual, já que a Internet se evidencia como “um recurso de tradução, leitura e produção de novos sentidos na contemporaneidade”, inclusive sobre o passado, na medida em que os chamados acontecimentos históricos são alvos de disputa no mundo virtual (MENESES; MELO, 2017, p. 158).

Se a Internet se tornou um ambiente imune ao discurso da autoridade, onde ser ou não historiador não faz a menor diferença, talvez se faça ainda mais necessário insistir na ideia de que tão importante do que saber quem está produzindo é saber o que está sendo produzido.

O Youtube como fonte em sala de aula

As discussões sobre didática da história ajudaram a fundamentar a elaboração desta pesquisa. Para o teórico alemão Klaus Bergmann, “a didática da história é uma disciplina que pesquisa a elaboração da História e sua recepção” (BERGMANN, 1989/1990, p. 30). Ou seja, ela é uma disciplina que analisa todas as formas de mediação intencional e de representação e exposição da História, bem como as formas como as pessoas se apropriam dessas representações, que podem se dar em diferentes contextos históricos e sociais, conduzidas por terceiros, de forma intencional ou não.

O que Bergmann quer dizer é que a sociedade constrói o seu pensamento histórico a partir do contato com diferentes formas de socialização da História, sejam elas a escolar, como a disciplina de História; e as extra-escolares, como o cinema, os museus, a televisão, os livros etc. Pensando a partir dessa perspectiva, entendemos que diversos “agentes” interferem na formação do pensamento histórico dos nossos alunos.

Apesar de Klaus Bergmann não citar a Internet como um desses agentes, não podemos desconsiderar de que os diversos conteúdos históricos disponíveis nas mais diferentes plataformas digitais, de diversas formas, interferem na formação da consciência história desses sujeitos escolares.

Jörn Rüsen ratifica o que diz Bergmann e afirma que a didática da história vai muito além de considerar apenas os problemas de ensino e aprendizado na escola:

A didática da história analisa agora todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana; prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos onde os historiadores equipados com essa visão podem trabalhar (RÜSEN, 2011, p. 32).

Ou seja, baseada em Rüsen, entendo que os meios de comunicação de massa, como as redes sociais, também promovem e difundem um tipo de conhecimento histórico que contribui para a formação de uma consciência histórica da população em geral, incluindo os nossos alunos e alunas.

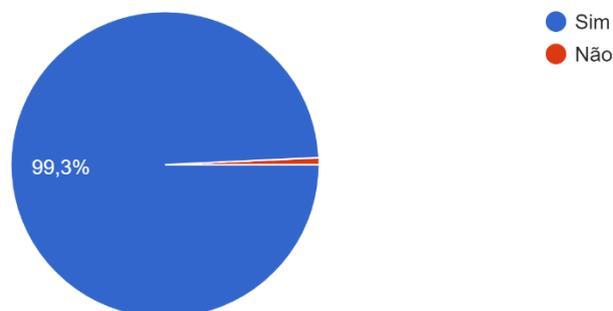
A escolha por utilizar vídeos do *Youtube* como fonte em sala de aula se deu pela profusão de canais voltados para a divulgação de temas relativos à História, além do alcance que esta rede social vem tendo nos últimos anos entre o público em geral. Ou seja, a minha ideia era utilizar os vídeos produzidos por certos canais para debater com os alunos como se dá a produção do conhecimento histórico e, conseqüentemente, chamar a atenção deles para certos aspectos que podem ajudar a identificar se o conteúdo acessado é, do ponto de vista científico, minimamente confiável.

Em fevereiro de 2021 elaborei um questionário no *Google Forms* e o apliquei entre alunos do ensino médio integrado de quatro *campi* do Instituto Federal do Ceará, dois no interior do estado e dois na região metropolitana da capital. O objetivo do questionário era fazer um levantamento sobre o uso da internet para pesquisas escolares entre os alunos da instituição, e sobre alguns aspectos relacionados à disciplina de História. Sobre o uso da Internet para realizar pesquisas, observem os dados a seguir:

Gráfico 1 – Uso da internet para pesquisa escolar.

Você costuma usar a internet para suas pesquisas escolares?

137 respostas



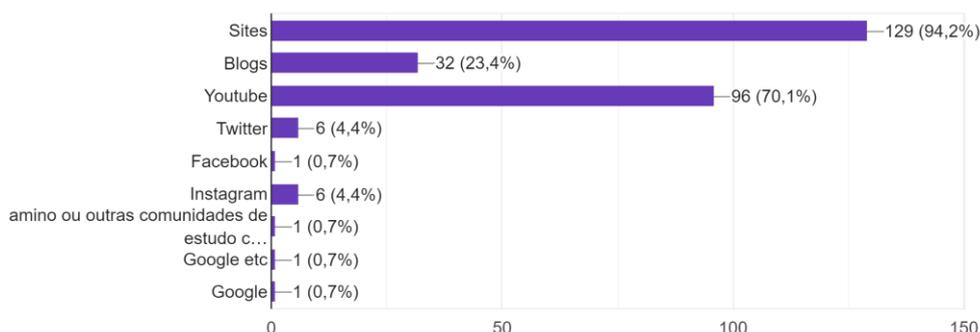
Fonte: Pesquisa realiza pela autora em fevereiro de 2021.

Foi possível verificar também que uma parte considerável utiliza o Youtube. Vejam que o gráfico a seguir indica que 70,1% dos 137 alunos que responderam à pesquisa fazem uso dessa plataforma com fins educacionais. Apesar de a amostragem de entrevistados ser muito pequena para reflexões mais abrangentes, acredito que ela atenda ao nosso objetivo aqui, que é o de levantar evidências do quanto os estudantes utilizam essa plataforma para complementar os seus estudos.

Gráfico 1 – Plataformas de pesquisa na internet.

Quando você faz pesquisas na internet, que plataformas você utiliza?

137 respostas



Fonte: Pesquisa realiza pela autora em fevereiro de 2021.

A pesquisa foi realizada ao longo de três etapas. Na primeira, foi oferecida ao bolsista, aluno do Ensino Médio Integrado, uma breve formação sobre as características de um trabalho científico. Num período em que o conhecimento científico tem sido constantemente atacado, entendemos ser importante que alunos do ensino médio, com pouca ou nenhuma experiência de pesquisa, compreendam que esse tipo de conhecimento é obtido de forma racional e por meio de procedimentos empíricos, desvinculado de ideias do senso comum. Nas aulas da disciplina já havíamos discutido várias questões relativas à construção do conhecimento histórico, como o que é História, o que são fontes históricas e tempo histórico, por exemplo. Essa é uma discussão que o professor pode realizar em sala de aula a partir dos canais que os alunos costumam acessar.

A segunda etapa consistiu na escolha dos canais que seriam analisados, tarefa que ficou a cargo do bolsista, por entender que a sua participação nesse levantamento seria fundamental para que ele compreendesse a necessidade de se definir recortes e limites para o objeto de pesquisa. Ao selecionar os canais do Youtube, ao criar critérios para a sua escolha o aluno está operando historicamente e transformando o material produzido por uma rede social em fonte histórica.

Assim, ele fez uma seleção de dez canais levando em conta os seguintes critérios: número de inscritos superior a 100.000, média de visualizações e qualidade dos vídeos. O resultado obtido foi o seguinte:

Tabela 3 – Canais selecionados no primeiro levantamento³.

CANAL	Nº DE INSCRITOS
Nerdologia	3,25 milhões
Se liga nessa História	2,9 milhões
Parabólica	709 mil
Foca na História	1,08 milhões
Débora Aladim	3,15 milhões
reVisão	496 mil
História Online	212 mil
Buenas Ideias	1,26 milhões
Leitura ObrigaHistória	406 mil
Canal Nostalgia	14,4 milhões

³ Dados do dia 10/05/2022.

Realizado o primeiro levantamento, definimos outros critérios para reduzir a lista para quatro, já que dez canais seria muito para analisar em pouco tempo de execução da pesquisa. Assim, definimos que escolheríamos canais que produzissem conteúdo sobre a História do Brasil. Feito isso, chegamos a uma nova lista de canais, indicados na tabela a seguir:

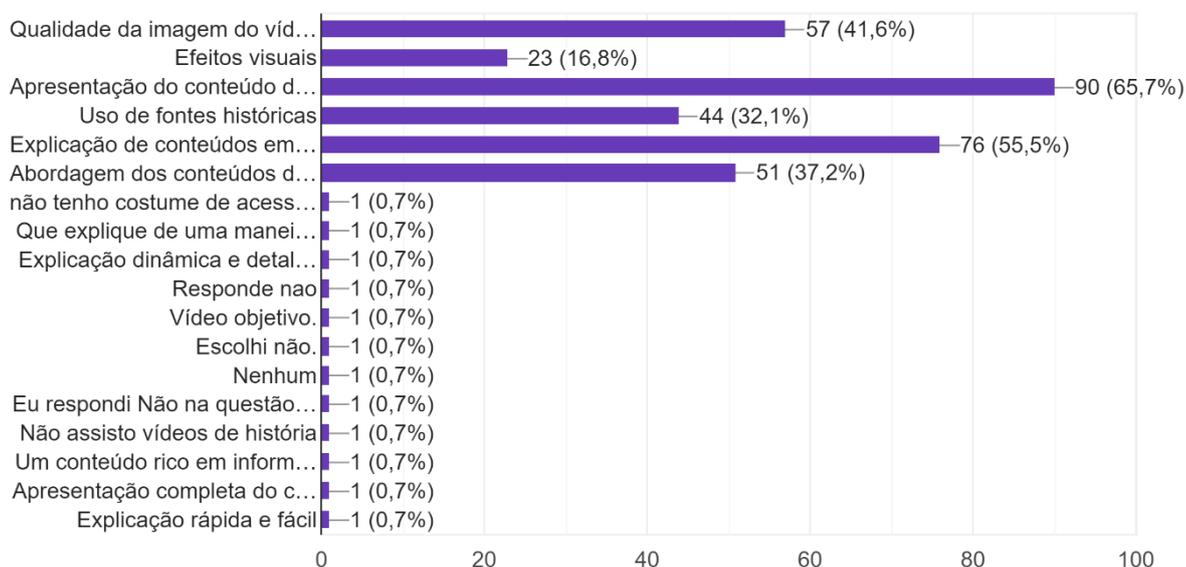
Tabela 4 – Canais selecionados no segundo levantamento⁴.

CANAL	ANO DE INSCRIÇÃO NO YOUTUBE	Nº DE INSCRITOS	VISUALIZAÇÕES
Parabólica	2015	709 mil	44.322.066
Débora Aladim	2013	3,15 milhões	156.419.130
Buenas Ideias	2017	1,26 milhões	110.590.458
Leitura Obrigatória	2015	406 mil	11.385.484

Sobre as razões que levam os alunos a escolherem certos canais, os dados da pesquisa já mencionada antes revelaram o seguinte:

Se você respondeu sim na questão anterior, marque aquilo que mais te atrai num canal de História do youtube

137 respostas



⁴ Dados do dia 10/05/2022.

A partir das respostas dos alunos é possível identificar quais são os critérios que eles consideram de maior importância na hora de escolher um conteúdo nessa rede social. São eles: a qualidade da imagem do vídeo (41,6%), a apresentação do conteúdo de forma divertida (65,7%), explicação dos conteúdos em vídeos curtos (55,5%) e abordagem dos conteúdos de forma reflexiva (37,2%). Percebiam quais são os aspectos considerados como mais relevantes pelos alunos na hora de buscar um vídeo no *youtube*. Esse dado, antes de me preocupar, ajudou-me a pensar numa abordagem diferenciada junto aos alunos.

Um aspecto que o professor ou a professora podem é a identificação das pessoas que produzem e promovem um determinado canal. Quem é, de onde vem, que grupo representa, qual o objetivo do canal são algumas perguntas que podem ser realizadas. Sobre os realizadores dos canais que selecionamos, segue uma breve apresentação.

Pedro Rennó Moreira é o criador e apresentador do canal Parabólica, onde se apresenta como professor de História e Filosofia. Segundo dados da Plataforma Lattes, é formado em História pelo Centro Universitário Barão de Mauá e tem especialização em História da Cultura e da Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais, atuando como professor de cursos preparatórios. Apesar de também produzir conteúdo sobre Filosofia, a maior parte de seus 761 vídeos são dedicados à História Geral e do Brasil. Dentre os quatro canais selecionados, foi aquele que mais produziu conteúdo, sendo a maior parte dos vídeos voltados para o Enem.

Apesar de não ser a maior produtora de conteúdo (380 vídeos), Débora Aladim Salles, criadora e apresentadora do canal Débora Aladim, é certamente a mais vista, como pode ser observado na tabela anterior. Débora é graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e apresenta o seu canal como um dos mais importantes canais educativos do Youtube. Produz conteúdo sobre História Geral, História do Brasil, dicas de redação e de estudo. Segundo informa no seu Currículo Lattes, foi eleita por três anos consecutivos (2018/2019/2020) como a maior influenciadora de educação do Brasil.

O canal representa um exemplo de negócios bem-sucedido no mundo digital. Débora tem um site onde comercializa produtos como camisetas e pôsteres, e alguns tipos de cursos, como de Redação e História e Humanidades, e atua como embaixadora digital de diversas empresas como Quero Educação Serviços de Internet, Oi Telecomunicações, TNT Energy Drink e Farias Brito Cursos Online. Para confirmar o

sucesso de Débora Aladim, basta uma consulta rápida aos nossos alunos. Certamente alguns deles já viram seus vídeos pelo menos uma vez.

Eduardo Bueno, criador e apresentador do canal Buenas Ideias, é certamente o mais conhecido entre os historiadores, pois já produz trabalhos sobre História há alguns anos, sendo alguns deles alvo da crítica de vários pesquisadores da área. Jornalista de formação, Bueno já escreveu vários livros sobre a História do Brasil, como a coleção *Brasilis* e o livro *Brasil: Uma História*, tendo atuado também como consultor histórico e apresentador de vários programas da Rede Globo de Televisão. O canal Buenas Ideias é o único selecionado que produz exclusivamente conteúdo sobre História do Brasil.

E por último, mas não menos importante, está o *Leitura Obriga História*, que se apresenta como um canal que se dedica à História Pública e demais Ciências Humanas, tendo como principal objetivo levar conteúdo acadêmico a públicos mais amplos. O canal foi criado e é apresentado por Icles Rodrigues, historiador e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina; Luanna Jalles, historiadora formada pela mesma universidade; e Mariane Pisani, formada em Ciências Sociais, mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo, atualmente professora na Universidade Federal de Tocantins.

O *Leitura Obriga História* é o único canal que detém o selo SVBR, *Science Vlogs Brazil*, uma espécie de certificação que é dada aos melhores canais científicos do Brasil, com o intuito de atestar a qualidade do material produzido. O “selo” foi criado por um grupo de influentes e respeitados divulgadores científicos que resolveram se unir em uma rede colaborativa a fim de atestar a qualidade científica de canais do Youtube.⁵ Tal informação é bem pertinente na medida em que reitera a preocupação que mencionamos anteriormente, de que há muito o que ser questionado sobre o que se divulga nos canais desta rede social.

Analizando a produção dos canais

A última etapa da pesquisa consistiu em analisar alguns vídeos desses canais com o objetivo de identificar como os conteúdos históricos têm sido abordados. Diante da grande quantidade de material disponível, definimos uma questão-problema que

⁵ Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/sciencevlogs/2016/02/01/o-projeto/>. Acesso em: 17 mai. 2022.

serviu como recorte para a escolha dos vídeos que seriam analisados: como índios e negros são abordados nos vídeos selecionados? O objetivo era, a partir do tema abordado, identificar como esses produtores de conteúdo operacionalizavam questões essenciais que fundamentam a História como ciência, como o manejo de fontes e o método crítico.

Entendemos que um canal de *Youtube* que produz conteúdo baseado apenas na ideia de narrativa pura e simples impede o contato dos alunos com os elementos necessários para a construção do conhecimento histórico. Isso faz com que os estudantes vejam a História como uma forma de saber livre, em que não há reflexões acerca de como os processos históricos se constituem e a importância de compreendê-los.

Por essa razão, a fim de orientar o trabalho de análise do bolsista, elaborei um questionário no *GoogleForms* com perguntas que direcionavam a sua atenção, não para o conteúdo tratado, mas para o modo como a História era abordada. As questões colocadas foram as seguintes: 1. Este canal apresenta os nomes dos livros ou dos autores que foram consultados para a gravação do vídeo? Caso a resposta seja negativa, como você imagina que o(a) apresentador(a) planejou os conteúdos? 2. Neste canal o(a) apresentador(a) utiliza algum tipo de fonte histórica nas suas explicações (mapas, fotografias, cartas, pinturas etc.)? Você acha importante que um canal como esse apresente suas fontes de pesquisa? Explique. 3. Nos vídeos deste canal o(a) apresentador(a) explica o significado dos conceitos que ele(a) utiliza (como índios, colonização, escravidão etc)? Você acha importante que conceitos como esses sejam abordados? Explique. 4. Nos vídeos deste canal o(a) apresentador(a) estabelece relações entre o passado e o presente ao abordar o assunto? Você acha importante que tal relação seja feita? Explique. 5. Nos vídeos deste canal o(a) apresentador(a) mostra as diferentes explicações que são produzidas por pesquisadores sobre um mesmo assunto? Você acha importante que isso seja feito em canais como esse? Explique.

Percebam que as perguntas não estão direcionadas ao conteúdo sobre os negros e indígenas, mas à forma como estes *youtuber's* elaboram e apresentam os seus conteúdos. Quando um canal como esse não informa, por exemplo, as fontes bibliográficas consultadas para a elaboração daquele material, passa a ideia de que o passado é permanente, como se só houvesse uma descrição verdadeira do passado. Mas se esse mesmo *youtuber* apresenta em seus vídeos diferentes fontes, pontos de

vista divergentes, bibliografia consultada ele se distancia de um modelo de objetividade científica já ultrapassado, apresentando ao seu público uma história crítica e reflexiva.

Vou apresentar agora as respostas que foram dadas pelo bolsista para alguns dos questionamentos mencionados antes. Em relação à primeira pergunta, sobre a indicação da bibliografia consultada, o bolsista afirma que o canal Débora Aladim é o único que nunca apresenta os livros e autores que consultou. Ele diz que a apresentadora até chega a mencionar isso no vídeo, mas não informa a referência na descrição. Sobre como ele acha que Débora planejou o seu conteúdo, responde que ela deve ter lido e pesquisado em livros didáticos, pesquisas científicas e artigos, baseando-se neles para criar o seu roteiro.

Sobre o segundo questionamento, se o apresentador usa algum tipo de fonte histórica, ele responde que sim, mas faz algumas observações sobre o modo como as fontes são abordadas. Segundo ele, o canal Parabólica faz uso de diferentes tipos de fontes, como matérias de jornais, livros, dados do IBGE e fotografias, sendo estas últimas pouco analisadas, utilizadas mais como ilustração de determinados assuntos. Débora Aladim também faz uso de diferentes fontes, como cartas, bulas papais, documentos que segundo o bolsista são lidos e analisados por ela, assim como os apresentadores dos outros canais. Sobre a importância de os canais apresentarem suas fontes de pesquisa, o bolsista responde o seguinte:

Acho fundamental. Se (sic) tratando de conteúdos históricos é necessário que as fontes de pesquisa sejam apresentadas, já que para que o estudo seja feito corretamente é preciso estudar as fontes e os fatos históricos corretamente. Se um canal que apresenta conteúdos históricos não apresenta ou utiliza fontes de pesquisa relacionadas àquele tema e tira tudo da sua cabeça ou apresenta o conteúdo da maneira que ele acredita que deve ser, acaba perdendo toda credibilidade e veracidade dos fatos que estão sendo apresentados.⁶

Percebam que o aluno demonstra uma certa compreensão sobre a importância das fontes de pesquisa para a produção de conteúdo histórico. Vejam que ele entende que há uma forma correta de se fazer isso, e que essa forma é a consulta de documentos, de livros, e que não é possível que um apresentador produza algo baseado apenas “na sua cabeça”.

Sobre a explicação dos conceitos históricos, o canal Buenas Ideias é o único que não o faz. De acordo com o aluno, o apresentador faz alguma explicação no caso de palavras de origem grega ou indígena, mas nesse caso trata-se mais de uma questão

⁶ Resposta dada pelo bolsista do projeto em questionário elaborado pela orientadora.

etimológica do que histórica. Pedro Rennó, por exemplo, do canal Parabólica, explica conceitos como democracia racial, quilombo, nativo e circularidade cultural para abordar as temáticas envolvendo os negros e indígenas.

No que se refere à relação entre passado e presente, o bolsista não consegue perceber as diferenças entre o que faz cada um dos canais e responde afirmativamente para todos eles, apesar de um deles, o Buenas Ideias, não trabalhar essa relação. Ele entende que os temas abordados, por si só, já relacionam essas duas temporalidades, e acredita que a principal importância disso é uma melhor compreensão da nossa realidade atual.

Chamo a atenção para essa questão porque estabelecer relações entre as diferentes temporalidades contribui significativamente para a formação da consciência histórica de uma pessoa. Como diz Jörn Rusen, a consciência histórica não significa apenas o conhecimento sobre o passado, mas estrutura o conhecimento histórico como forma de compreender o presente e antecipar o futuro. “Ela é uma combinação complexa que contém a apreensão do passado regulada pela necessidade de entender o presente e de presumir o futuro” (RÜSEN, 2011, p. 36)

O questionário respondido pelo bolsista nos dá condições de perceber que ele tem alguma compreensão sobre como se dá a construção do conhecimento histórico na medida em que, por exemplo, entende que um vídeo não pode ser produzido a partir do que o autor acredita, mas através da consulta a uma bibliografia. Demonstra também uma consciência temporal que percebe que as temporalidades passado e presente não estão desconectadas, já que entende que o presente também se explica a partir do passado. No entanto, há alguns aspectos relativos a esses canais que não foram percebidos pelo estudante, mas que eu gostaria de pontuar.

Quando se trata de fazer referência às fontes bibliográficas consultadas para a produção dos vídeos, os únicos canais que fazem isso em todas as suas produções são o Leitura Obrigatória e o Buenas Ideias. Para os demais canais isso não é uma regra. Débora Aladim e Pedro Rennó até citam nos seus vídeos um ou outro autor, mas não informam as referências completas para quem deseja pesquisar mais. No entanto, vale uma ressalva sobre o canal de Eduardo Bueno. Dentre a bibliografia que ele apresenta para a produção de um determinado episódio estão alguns dos livros escritos por ele próprio, e que já foram objeto de reflexão do historiador Jurandir Malerba em artigo já citado anteriormente.

Malerba afirma que a história do Brasil apresentada por Bueno é uma narrativa em forma de saga, onde o destaque recai sobre “os personagens excêntricos, envolvidos em grandes aventuras, quase no estilo ‘capa e espada’” (MALERBA, 2014, p. 35). Trata-se, segundo ele, de uma narrativa linear que não comporta críticas, e que está assentada numa personificação da história, que atribui a ação de determinadas pessoas à responsabilidade pela mudança histórica.

É exatamente assim que se apresentam os conteúdos do canal Buenas Ideias. No vídeo intitulado “Goitacás. A tribo indígena mais selvagem do Brasil”, Eduardo Bueno faz uma abordagem extremamente caricatural, para dizer o mínimo, desse povo que viveu na parte norte do território que hoje corresponde ao estado do Rio de Janeiro. O vídeo é na verdade um conjunto de curiosidades sobre os Goitacá. Afirma que eles comiam carne humana para se alimentar, e não como uma prática ritualística, e apresenta as características físicas e os aspectos de selvageria que teriam marcado esse povo, ou seja, em nenhum momento há qualquer tentativa de relacionar esse grupo indígena a processos históricos mais amplos, como a colonização, por exemplo.

Ainda sobre os livros escritos por Eduardo Bueno, Malerba afirma que ele não faz pesquisa documental e que escreve baseado na historiografia mais conhecida e em cronistas da época. No vídeo mencionado antes, ele cita os registros escritos por Frei Vicente de Salvador e Jean de Léry como fonte, mas não faz qualquer crítica ao documento, tomando o que os autores falaram em seus relatos como uma verdade sobre o povo Goitacá.

Com relação aos demais canais, ainda que concordemos com o bolsista quando se trata da não apresentação das referências utilizadas, é possível perceber grandes diferenças em relação ao conteúdo produzido pelo canal Buenas Ideias. Tanto o Parabólica, quanto o Débora Aladim e o Leitura ObrigaHistória se propõem a apresentar uma história problematizadora, quando, por exemplo, discutem conceitos importantes para a compreensão histórica. Débora Aladim traz para o público um debate sobre o conceito de índio, explicando que este termo não dá conta da diversidade cultural dos povos originários; relativismo cultural e alteridade, para tratar da relação entre colonizadores e indígenas. Ao explicar as razões da mudança da escravidão indígena para a africana, a apresentadora desmistifica uma série de estereótipos criados sobre as populações nativas.

Outro aspecto que observamos nestes três canais é o fato de que todos se propõem a apresentar para o seu público uma história crítica, documentada e

teoricamente fundamentada, algo que não observamos no canal Buenas Ideias. Pedro Rennó, por exemplo, quando trata do período pós-abolição, problematiza a não inserção dos ex-escravizados no mercado de trabalho, o fato de que o fim legal da escravidão não representou a superação do racismo contra a população negra. Traz uma discussão sobre a obra de Gilberto Freyre e o quanto este autor contribuiu para a construção do mito da democracia racial.

Considero o canal Leitura ObrigaHistória como um caso à parte, já que foge um pouco do modelo convencional de organização de conteúdo, como Brasil Colônia ou Brasil Império. Seus vídeos são muito bem-produtos do ponto de vista dos recursos visuais e se propõem a fazer uma discussão mais historiográfica do que conteudista, o que não impede o acesso do público leigo. O canal tem uma playlist chamada Conceitos históricos onde explica conceitos como anarquismo, absolutismo, ideologia, regimes de historicidade e presentismo.

Há uma outra *playlist* intitulada Mulheres na História, com vídeos sobre a sexualidade no Brasil, no Egito Antigo, mulheres negras e o feminismo, mulheres na ciência e na revolução francesa, todos eles voltados para historicizar a participação das mulheres em diferentes momentos da História, e sempre a partir de uma discussão teórica.

É fato que os apontamentos feitos anteriormente exigiriam do bolsista um conhecimento e experiência em pesquisa histórica que ele não possui, mas o professor ou professora de História sim. As observações que apresentei não têm o objetivo de dizer se o canal A ou B são bons ou ruins, mas mostrar aos professores as possibilidades de uso dessas mídias digitais e que aspectos podem ser observados num canal do *youtube* a fim de dar ao estudante condições de escolher conteúdos que tenham maior confiabilidade.

O objetivo é que o aluno deixe de ser apenas um consumidor de conteúdo para se transformar num consumidor crítico, com condições de interpretar fontes documentais de naturezas diversas e perceber a importância dessas novas tecnologias na sociedade contemporânea.

Considerações Finais

Qual deve ser o papel dos professores de História diante das produções nesses espaços digitais? Condenar os “historiadores leigos”? Condenar as plataformas digitais?

Criticar os alunos que acessam esse tipo de conteúdo? Ou oferecer aos alunos condições de escolher um conteúdo histórico de qualidade?

Os estudantes que já têm o hábito de utilizar o *youtube* já trazem consigo uma ideia do que seja um vídeo bom sobre história, e não é o debate crítico ou o uso de fontes que são os atrativos. Dentre os 137 alunos que responderam à pergunta “O que mais te atrai num canal de história no *youtube*?”, a qualidade da imagem do vídeo e a apresentação do conteúdo de forma divertida foram os requisitos mais apontados pelos que responderam. Não seria o caso de nós professores utilizarmos esses canais como fonte histórica e mostrarmos para os estudantes que há mais neles do que apenas efeitos visuais e um apresentador cômico?

Não adianta nós simplesmente recusarmos qualquer proximidade com esse universo virtual deixando vazios que logo serão preenchidos por aqueles que sabem utilizar esses recursos de forma muito eficiente para propagar revisionismos históricos não-científicos que questionam certos consensos históricos, como a existência de uma ditadura militar no Brasil.

Esse universo virtual não é constituído apenas por más produções, mas também por experiências bastante exitosas no campo da História, como a do blog Café História, criado em 2008 pelo historiador Bruno Leal, professor do Departamento de História da Universidade de Brasília. O blog tem como um dos seus objetivos divulgar a História produzida no meio acadêmico para públicos amplos e é hoje sem dúvida uma das melhores plataformas de divulgação científica da área.

O que tentei desenvolver ao longo desta pesquisa vai ao encontro do que Anita Lucchesi e Dilton Maynard defendem no verbete “Novas tecnologias”, do Dicionário de Ensino de História, de que o uso das tecnologias digitais para o ensino de história deveria ir além do seu caráter funcional e técnico, e promover uma atitude ativa do sujeito que deseja aprender.

[...] é pouco proveitoso que, nos dias de hoje, as diferentes modalidades de especialização, atualização ou aperfeiçoamento de professores no que tange ao uso das tecnologias digitais se restrinjam à teoria, a leituras ou palestras. É necessário que apreendamos (no sentido de apreender e aprender) essas novidades por um viés diferente, que a nosso ver passa incontornavelmente pelo popular “botar a mão na massa”. Por isso, a proposta da experimentação criativa aqui é que abandonemos as atividades isoladas e promotoras de uma atitude passiva do sujeito interessado em aprender e busquemos caminhos para inserir a interação com as tecnologias digitais no nosso dia a dia, não como fim e/ou algo pontual (exemplo: a visita esporádica ao laboratório de informática da escola), mas como meio e recurso que possa ser de interesse transversal em termos de temáticas dentro de uma disciplina [...] (LUCCHESI; MAYNARD, 2019, p. 182).

Meu intuito, portanto, foi realizar essa experimentação criativa, fazendo das produções do *youtube* um instrumento de trabalho em sala de aula e colocando os meus alunos numa atitude ativa diante desses produtos culturais.

Referências

BERGMANN, Klaus. *A História na reflexão didática*. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.9, n. 19, p. 29-42, set.89/fev.90.

COSTA, Marcella Albaine Farias da. Ensino de História e tecnologias digitais. Trabalhando com oficinas pedagógicas. *Revista História Hoje*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 247-264, dez/2015. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/202>. Acesso em: 13 abr. 2021.

LUCCHESI, Anita; MAYNARD, Dilton C. S. *Novas Tecnologias*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Dias de (orgs.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV, 2019, p. 179-184.

MALERBA, Jurandir. *Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a história? Uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History*. **História e Historiografia**, Ouro Preto, n. 15, p. 27-50, ago. 2014.

MENESES, Sônia; MELO, Egberto. *A Babel do tempo*. Regimes de historicidade e a história ensinada no universo virtual. **Revista Linhas. Florianópolis**, v. 18, n. 37, p. 154-179, maio/ago. 2017.

RÜSEN, Jörn. Jörn Rüsen e o ensino de História (organizadores: Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevão de Rezende Martins). Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

QUEIROGA JR, Tarcísio Moreira de. *Youtube como plataforma para o Ensino de História. Na era dos professores-youtubers*. Monografia (Graduação em História). Instituto Latino-Americano de Arte, Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2018, 28 p. Disponível em: <https://1library.org/document/ynx06mkq-youtube-como-plataforma-para-ensino-historia-professores-youtubers.html>. Acesso em: 5 fev. 2021.

Ana Amélia Rodrigues de Oliveira

Professora EBTT do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Ceará, *campus*
Maranguape.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/9983853118156018>

Artigo recebido em: 14 de fevereiro de 2022.

Artigo aprovado em: 27 de maio de 2022.